



## ÍNDIOS XOKLENG: ONDE FORAM PARAR SEUS COSTUMES?<sup>1</sup>

Luis Carlos MARÇANI<sup>2</sup>

Sandro Waltrich de Assis PEREIRA<sup>3</sup>

UNIDAVI – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

### Resumo

Este trabalho aborda a realidade da comunidade indígena que atualmente vive na Reserva Duque de Caxias de José Boiteux, em Santa Catarina. Desde 1850, com a chegada dos primeiros colonizadores a região do Vale do Itajaí, inicia-se uma parte da história que muitos preferem nem lembrar, principalmente os índios. Foi o princípio de uma batalha que já se prenunciava perdida. Nesse período surgem os chamados Bugreiros, homens que eram contratados para “limpar” a área ocasionando o genocídio de milhares de índios. O tempo passou e atualmente poucas características legítimas da cultura indígena são mantidas, como exemplo, o artesanato. As ocas deram espaço a casas de alvenaria, a caça e a pesca foram rendidas pelo apelo da televisão e mais recentemente da internet. O presente trabalho retrata como vivem os índios que sobreviveram, quais as lembranças e quais as suas perspectivas com as novas gerações e como é a luta para manter seus costumes diante da invasão de diversas outras culturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** índios; colonizadores; cultura; costumes.

### INTRODUÇÃO

Ainda existem muitas perguntas a serem respondidas quando o assunto é a origem dos indígenas remanescentes de algumas regiões do país. Segundo estudos realizados em crânios e ossadas fossilizadas, os indígenas teriam surgido na África, a cerca de 12 mil anos atrás. Mas essa teoria é controversa. Do continente africano os primeiros habitantes da terra teriam migrado para a Ásia, onde se separaram em dois grandes grupos, e continuaram seguindo viagem chegando à América Central por volta de cinco ou seis mil anos atrás.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade documentário em vídeo.

<sup>2</sup> Estudante 8º Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (2008-2) da Unidavi. E-mail: caio@rbatv.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Unidavi. E-mail: sandro@unidavi.edu.br.

Eles viviam como nômades, pessoas que migravam de um lugar para outro, atrás de comida e água. Quando os bens se esgotavam, a jornada prosseguia.

Mas apesar de resistirem tanto tempo, aos poucos a cultura e os costumes foram desaparecendo. Segundo Koch (2002), os números representam uma mostra do que está acontecendo com as línguas usadas pelas comunidades indígenas da nação. Na época em que o Brasil foi descoberto, as regiões da América Latina tinham aproximadamente 1200 línguas. Atualmente são registradas apenas 177. Ainda de acordo com o autor, a pior parte da história foi o começo do genocídio dos índios, que ocorreu em todas as partes e na América do Sul não foi diferente.

Um dos exemplos é a reserva Duque de Caxias, que corta três municípios catarinenses, José Boiteux, Vitor Meireles e Itaiópolis. Homens que eram contratados por companhias colonizadoras ou por fazendeiros matavam os índios como se fossem animais. Eram chamados de Bugreiros.



Foto 1: Bugreiros com os Índios

Fonte: (Museu de Rio do Sul)



Foto 2: Família Indígena capturada.

Fonte: (Museu de Rio do Sul)

Para Santos (1973), a selvageria que era representada pelos Xoklengs, era uma forma de descaracterizar o massacre, que estava acontecendo por todo o estado. Eram comuns depoimentos de pessoas dizendo que os índios eram desalmados e que não tinham piedade de ninguém, nem mesmo de crianças ou mulheres. Com a disseminação desse tipo de comentário, as pessoas passaram a ver o povo indígena como simples animais que deveriam ser tratados a base de violência. As colônias costumavam entregar avisos lembrando as correrias que eram feitas pelos índios, e alertava do perigo eminente que a população estava exposta. Por esse motivo, ter uma arma em casa



passou a fazer parte da rotina das famílias. Após anos de massacre, para tentar amenizar ou acabar com a “guerra” que era travada entre bugreiros e índios, o general Cândido Mariano da Silva Rondon, designou um inspetor para atuar em Santa Catarina. Mas diplomacia nessa hora, não era tarefa fácil. Os índios ainda continuavam seus ataques a casas dos brancos em busca de ferramentas e comida, nascia aí outra batalha, a da pacificação.

No Alto Vale os trabalhos também prosseguiram, e em 1914 uma pequena equipe da SPI (Serviço de Proteção aos Índios) liderados por um jovem conseguiu, depois de varias tentativas, estabelecer um contato pacifico com os Xoklengs. Neste mesmo ano o trabalho de pacificação deu outro grande passo.

Segundo Santos (1997, p.56):

Finalmente, em 22 de setembro, Hoerman num ato de coragem atravessou nu e desarmado o espaço de um clareira as margens do Plate e confraternizou com os índios. A “pacificação” estava em marcha, na versão dos brancos. Para os Xoklengs, entretanto, eles é que estavam conseguindo “amansar” Hoerman e seus companheiros. Isto a era razão das continuas exigências que faziam aos servidores da SPI.

Em 1967, devido a uma série de escândalos como utilização de terras indígenas, e o uso do índio como trabalho escravo, o governo militar encerrou as atividades do SPI. Nascia então a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Algumas mudanças já foram implementadas no inicio da Fundação, como a demissão de vários funcionários da antiga SPI e a contratação de novas pessoas para assumirem os postos. Uma das novas medidas tomadas foi a abertura de diversas estradas, o que permitiu a circulação de veículos e pessoas. Assim a população intensificou seus contatos com os brancos e com a sociedade original.

Santos (1973), também explica que o assentamento do povo indígena em reservas começou a forçar a mudança de hábitos. Os índios nômades tiveram que começar a se adequar ao plantio. Gradualmente se tornavam agricultores. O autor destaca que esta transição era muito difícil, pois o povo indígena tinha que abandonar seus costumes, mas tudo caminhava para a produção de alimentos no campo assim como faziam os brancos.



Ainda de acordo com Santos (1973, p.258):

Ao saltarem da condição de nômades-caçadores, para a de sedentários, os Xoklengs tiveram de sofrer uma mudança fundamental em seu sistema adaptativo, tornando-se agricultores. É evidente que isto não ocorreu nos dias imediatos que se seguiram a pacificação. O processo de mudança, embora brusco, realmente levou anos para ser aceito pelos indígenas.

Uma das áreas ocupadas pelos Xoklengs foi Ibirama. Em 1972, nesse município começou a ser construída a Barragem Norte que só foi concluída em 1992. A obra que tinha capacidade de armazenar 387 milhões de metros cúbicos de água ficava há apenas seis quilômetros da área indígena. No primeiro momento ela não trouxe nenhum prejuízo para a população indígena, mas com sua conclusão e o início das operações, os problemas começaram. Os índios tiveram perdas de roças e animais além de terem várias moradias invadidas pelas águas. A partir daí começou uma longa discussão entre FUNAI, índios e as autoridades. A área alagada ocupava cerca de 900 hectares de terra indígena. Depois de várias reivindicações - que não foram ouvidas - em 1991 os índios invadiram a barragem, conseguindo o pagamento de algumas indenizações.

Com o passar dos anos e com a promulgação da constituição de 1988, os índios tiveram importantes conquistas. Entre elas, o direito originário sobre as terras que ocupam. E as conquistas foram além.

Conforme Santos (1997, p. 115):

O Capítulo VIII da Constituição Federal (CF) intitulado dos Índios, em seus artigos 231 e 232 e respectivo parágrafo, delineou as bases políticas em que se devem efetivar as relações entre os diferentes povos indígenas e o Estado Brasileiro. O art. 231 da CF explicitou pela primeira vez, que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Atualmente existem no Brasil cerca de 340 mil índios, segundo dados da FUNAI. Vale lembrar que em estados como Piauí e Rio Grande do Norte não existem



registros de população indígena. As terras dos índios no país representam aproximadamente 946.452 Km<sup>2</sup>, cerca de 11 % do território nacional.

A área da reserva de Ibirama, em Santa Catarina tem cerca de 14 mil hectares, onde vivem atualmente 1200 pessoas. A maioria pertence à tribo Xokleng, mas neste numero existe um pequeno grupo de índios da tribo Guarani. Na reserva existem escolas e também várias igrejas evangélicas. O acesso geralmente é muito ruim devido à falta de manutenção das estradas. Para Santos (1997), a estrutura mantida pela FUNAI é precária e não consegue atender as necessidades da comunidade indígena. Já foram detectados vários casos de doenças entre os índios, inclusive a Aids. O autor também relata a dificuldade em viver nas aldeias da reserva.

As condições de vida na área indígena são difíceis. Há problemas de abastecimento de água, de falta de energia elétrica para a maioria da população aldeada e dificuldades de acesso entre as diversas aldeias. Com os problemas consequentes da implantação da Barragem, a maioria das famílias indígenas ficou sem condições de manter roças com tamanho suficiente para lhes assegurar a sobrevivência. Paralelamente a legislação federal relativa à proteção ambiental impediu drasticamente o uso possível dos recursos representado pela flora e fauna. Não sendo cumprido o acordo com o governo estadual, que permitia a implantação do “Projeto Ibirama”, destinado a promover a auto sustentação dos indígenas, a partir de 1992 a situação se agravou. Muitas famílias sofrem as conseqüências da fome, do desespero e da falta de futuro. (SANTOS, 1997, p. 118):

Um das formas encontradas pelos índios para tentar contornar as dificuldades é a confecção de artesanato, como arcos, flechas, chocalhos e cerâmica. Os produtos são vendidos nos centros das cidades com o intuito de arrecadar dinheiro para compra de alimentos, sementes e medicamentos. A população indígena também sofre com a falta de agasalhos e de atendimentos médicos, quando procuram as prefeituras em busca de auxílio, esbarram com a burocracia vigente. “No passado, foram atraídos ao convívio com o branco com presentes e promessas. Agora, têm que pedir, comover, implorar”. (SANTOS, 1997, p. 119)



Foto 3: Artesanato

Fonte: (O Autor)



Foto 4: Artesanato

Fonte: (O Autor)

Para finalizar, o autor ainda lembra que apesar de todos os problemas e de tudo que os índios já passaram nas aldeias a vida continua seguindo seu rumo. Há namoros, casamentos, brigas entre as famílias. As crianças vão para a escola, o idioma Xokleng, apesar da popularização do Português, ainda é falado pela maioria das pessoas. Os jovens seguem os estudos até o ensino médio, e o coletivo ainda faz a diferença. Com isso eles continuam lutando contra a invasão de novas culturas em seus costumes, o que lhes tornam índios, e antes disso, pessoas e cidadãos brasileiros como qualquer outro.



Foto 5: Cerimônia Xokleng

Fonte: (O Autor)



Foto 6: Índio Xokleng

Fonte: (O Autor)



Foto 7: Crianças da tribo

Fonte: (O Autor)



Foto 8: Menino Xokleng

Fonte: (O Autor)

## **OBJETIVO**

Apresentar através de um documentário em vídeo um fragmento da história e como é a realidade dos poucos índios que resistiram à invasão e disseminação de diversas culturas na reserva Duque de Caxias em José Boiteux, Santa Catarina.

## **JUSTIFICATIVA**

A pesquisa realizada permitiu a coleta de depoimentos de diversos personagens que convivem com o esvaziamento dos costumes da comunidade indígena, e que tentam preservar o que sobrou. A reserva Duque de Caxias em José Boiteux é uma terra sem fronteiras e cortada por diversas estradas o que significa o acesso de pessoas externas a qualquer momento.

Tais características proporcionam um rápido acesso dos índios aos costumes de outras culturas incluindo aí a exposição aos meios de comunicação e a tecnologia. Os contrastes marcantes e as divergências ocasionadas pelo convívio entre culturas e modos de viver tão antagônicos justificam a realização do documentário.

Existem na aldeia pessoas que ainda resistem e tentam manter vivas o que aprenderam quando crianças, e que travam uma batalha inglória contra os cintilantes apelos da modernidade para – entre outras coisas - ensinar e preservar a língua materna e o artesanato que aprenderam com seus pais.



Durante a gravação dos depoimentos foram encontradas diversas pessoas que retratam fielmente o que resta da cultura indígena, como por exemplo, o ancião Veicha, que aos 86 anos conta histórias e se emociona ao falar de como era a vida do índio, quando a caça e a pesca predominavam na aldeia.

Na história de Santa Catarina, do Alto Vale e do Brasil, os Xokleng tem uma parcela importante de contribuição do resgate de como viviam os povos nativos há dezenas de anos. Por isso a importância desse trabalho, que modestamente colabora com o resgate cultural do povo Xokleng, sua história e a realidade que vivem nos dias atuais.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O início do trabalho foi baseado em uma pesquisa bibliográfica a fim de buscar autores que discorressem sobre o tema indígena. Nesse aspecto, destacou-se a obra *Índios e Brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos Xokleng*, de Silvio Coelho dos Santos, que retrata fidedignamente como era a vida dos habitantes da aldeia. Em visitas à Biblioteca da Universidade e também à Biblioteca Municipal se descobriu outras obras de referência como *Tragédias Euro-Xokleng* e *Contexto*, do Padre Dorvalino Eloy Koch e também *Alfredo Wagner: Terra, Água, Índios*, de Altair Wagner.

A pesquisa de campo teve início com a busca de imagens antigas que apontassem como eram visualmente as condições da aldeia. Nesse ponto foi importante o suporte do arquivo de imagens da Rede Bela Aliança de Rio do Sul e também o acervo fotográfico do Museu de Rio do Sul. Em seguida iniciou-se o levantamento e contatos com as possíveis fontes, entre eles historiadores e a FUNAI.

O conhecimento prévio que o autor possuía da aldeia, facilitaram os deslocamentos e a circulação no interior da mesma. As entrevistas com o povo indígena nem sempre eram marcadas. Dessa forma foi possível conversar com dezenas de pessoas que relataram a vida no local. De todo o material, foram selecionados dez



depoimentos que posteriormente foram utilizados no vídeo. Vale destacar que o autor era um “branco” com uma câmera circulando pela aldeia. Muitos chegaram a questionar quanto que seria pago pelos depoimentos, já que imaginavam que se ganharia dinheiro com o que fosse coletado. Esclarecidas as intenções do projeto, tudo correu bem.

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A escolha do suporte do vídeo no formato de documentário se deu pelo fato do autor trabalhar na área há cinco anos. Durante esse tempo foram realizadas várias visitas, o que permitiu conhecer um pouco da história dos índios de José Boiteux, instigando o aprofundamento no tema. Através do documentário é possível retratar de uma maneira pouco usual para os produtos midiáticos da região do Alto Vale a vida da população indígena. Valorizando os personagens que vivem estas dificuldades, através de depoimentos que muitas vezes emocionam até mesmo quem não conhece o tema.

A escolha do tema serviu também para que houvesse uma identificação ainda maior com o assunto, e principalmente serviu por considerar que o material poderá estimular uma reflexão mais ampla do problema, principalmente a respeito do preconceito contra os povos nativos de nosso país.

No começo foram levantadas possíveis fontes que pudessem ajudar na confecção do trabalho. Também foram feitas visitas no local, que posteriormente seriam gravados os depoimentos, para conhecer as condições técnicas. Para auxiliar na produção, foi criado um roteiro de perguntas, e outro de imagens, para facilitar a coleta do material.

Para o trabalho de produção do documentário foi utilizado uma câmera de vídeo Digital, modelo Panasonic- DVX-100. Privilegiou-se a captação em externas, utilizando apenas luz natural. Posteriormente foram utilizados recursos de correção, quando necessários. No total foram captadas mais de quatro horas de gravação bruta, resultando em quinze minutos e quarenta segundos de material finalizado.



O documentário foi editado em estação não linear, com a utilização de recursos digitais de som e imagem. Para tanto foram utilizados os seguintes *softwares*: *Adobe Photoshop*, *Adobe Premiere*, *Adobe After Effects* e *Sony Sound Forge*.

## CONSIDERAÇÕES

Durante décadas os povos nativos de nosso país foram dizimados. Os colonizadores tomavam as terras de quem já estava instalado e implementavam sua cultura a força. Quando isso não acontecia, os contrários eram praticamente aniquilados.

Os anos passaram, constituições foram criadas e o que mudou? No papel muita coisa. Os índios são cidadãos como qualquer outro e por isso desfrutam dos mesmos direitos. Direito à liberdade, direito a uma vida digna. Mas a realidade não é essa, tanto do lado dos “brancos”, quanto dos índios.

A população indígena tenta a cada dia manter vivo um pouco de seus costumes. Difícil, já que as aldeias são terras sem fronteiras, sem barreiras de acesso. A caça e a pesca quase não existem mais. As ocas deveriam ser tombadas pelo patrimônio histórico, por que as poucas que restam estão sendo consumidas pelo tempo. As roupas então, constituem-se um caso à parte: grandes grifes multinacionais, substituem as tangas e os chocalhos, utilizadas há cem anos. Reflexos da globalização, que nesse aspecto é impiedosa.

Dentro da área da reserva existem aqueles que lutam com tenacidade para tentar manter as tradições que vieram de seus pais. Na maioria das vezes são pessoas mais velhas, que estão percebendo o gradual esquecimento dos costumes. Já os mais jovens não vêem a hora de completar 18 anos, adquirir uma moto, conquistar sua liberdade e aos domingos ir ao “centro” encontrar com os amigos, beber, namorar, fazer novas amizades. Anseios que em nada diferem dos colegas brancos.

Nesse contexto onde fica a cultura indígena? Guardada na lembrança de quem vivenciou como era a vida de índio. Quem nasce na aldeia hoje, cresce assistindo aos programas televisivos de maior audiência da TV brasileira. O modismo presente nas cidades, também faz parte da reserva. Pode-se especular que haja dois lados da questão:



os próprios índios que se rendem às modernidades. Isso não significa ter de abrir mão das facilidades da vida moderna como automóveis e internet, por exemplo, mas sim usufruir a tecnologia sem necessariamente almejar ser um “branco”. O outro lado foi o dos que restaram - a sociedade em geral - que invade a aldeia levando conceitos e comportamentos capitalistas que acabam por estigmatizar o índio como vagabundo. Depois de tantas perguntas resta a última para tentar ser respondida. Onde vão parar os índios de José Boiteux e do Brasil? Pelo o que se acompanhou em cinco anos visitando a reserva, trata-se de uma contagem regressiva cujo prazo é o tempo que os mais velhos resistirão.

Quando o último se for, descendentes de índios ainda existirão muitos, mas índios de verdade, só na lembrança de quem acompanha a vida dessas pessoas ou nos registros – como é, humildemente - o caso desse documentário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis; Edeme, 1973.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Os índios Xokleng: Memória Visual**. Florianópolis; Ed. da Ufsc; Ed. da Univali, 1997.

KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e Contexto**. Brusque; Ed. do Autor, 2002.

WAGNER, Altair. **Alfredo Wagner: Terra, Água, Índios**. Florianópolis; Ed. do Autor, 2002.

SCHIEFFELBEIN, Flamariom Santos. Matar bugres: Xokleng e a colonização do Alto Vale do Itajaí. **Revista Persona**, Ago. 2004. Disponível em: <<http://www.revistapersona.com.ar/Persona65/65Flammariom.htm>>. Acesso em: 22 Jun. 2008.



PEASE, Alan & Barbara. **Desvendando o Segredo da Linguagem Corporal**. Rio de Janeiro; Sextante, 2005.

BALDESSAR, Maria José, CHRISTOFOLETE, Rogério. **Jornalismo em Perspectiva**. Florianópolis; Editora da UFSC, 2005.

FILHO, Ciro Marcondes. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo; Ed. Moderna, 1988.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2. ed. São Paulo: Sammus, 1998.